

ENTREVISTA

Por: Carla Cristina Fernandes SOUTO¹

**

CARLOS ALVES DE OLIVEIRA

**

Carlos Alves de Oliveira possui Licenciatura e Bacharelado em Letras (Português-Literaturas) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro ó UFRJ; e Mestrado em Linguística também pela Universidade Federal do Rio de Janeiro ó UFRJ. É tradutor, editor do selo Nerwal e sócio do misto de sebo e restaurante Al Farabi, no qual promove lançamentos de livros, rodas de samba, cursos variados e outros eventos culturais.

**

*

Sr. Carlos Alves, ficamos muito agradecidos pela sua disponibilidade em participar de nossa revista. Primeiramente, gostaria que contasse um pouco sobre sua trajetória acadêmica e profissional na área de Letras. Como foi o seu primeiro contato com a Língua Brasileira de Sinais? No seu curso de Letras havia a possibilidade de cursar a disciplina?

**

Olá, professora Carla, é um prazer participar.

Formei-me em Letras (Português-Literaturas) pela UFRJ e em seguida fiz mestrado em Linguística na mesma universidade. Nessa mesma época (1989) fui pai de trigêmeos, dois dos quais revelaram-se surdos profundos.

¹ Doutora em Letras (Ciência da Literatura), pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo – IFSP – *Campus* São Paulo – SP – BR.

Na pós-graduação da Faculdade de Letras tive contato com um grupo de estudos de Libras, comandado pela professora Lucinda Ferreira Brito, uma das pioneiras da pesquisa linguística rigorosa em língua de sinais no país, que se tornaria minha orientadora. Natural e gradualmente meu objeto de pesquisa no mestrado derivou para o tema: minha dissertação de mestrado foi sobre a representação pronominal em Libras.

Assim, meu contato com a língua de sinais se deu inicialmente no meio acadêmico; o grupo de Libras da pós-graduação incluía pessoas surdas de várias faixas etárias, usuários fluentes de Libras. Tive aulas particulares em casa, que reuniam também meus parentes. Minha carreira profissional acabou se orientando para o meio editorial; pouco lecionei.

Na época, poucos núcleos se dedicavam à pesquisa em Libras no país, e os cursos de aprendizado de língua de sinais eram raros. O próprio conceito de bilinguismo (a valorização da língua de sinais como "língua materna" do surdo e o ensino do idioma oral local como "língua estrangeira", sobretudo em sua modalidade escrita) ainda era pouco conhecido; mas lembro de um intercâmbio intenso e engajado de artigos e estudos entre centros de pesquisa dos EUA, Reino Unido, Canadá etc.

*

Atualmente, a Língua Brasileira de Sinais é ofertada em todas as licenciaturas do IFSP como disciplina obrigatória e nos demais cursos técnicos e superiores como optativa. Quais são as suas considerações a respeito?

**

Considero a oferta ampla de cursos de Libras no IFSP um aprimoramento curricular avançado, e um movimento notável de integração.

Como pai de surdo, como o Sr. explicaria para um leigo a questão da Língua Portuguesa ser a segunda língua dessa comunidade?

As maiores implicações da questão da surdez são de natureza social. "A voz dele é engraçada". Do ponto de vista linguístico, cognitivo, o deficiente auditivo não tem, tecnicamente, qualquer impedimento à comunicação plena: a única diferença é que seu modal de linguagem é gestual-visual, e não oral-auditivo. Todas as estruturas fundamentais da linguagem são contempladas integralmente pelos dois códigos, e suas estruturas profundas são linguisticamente equivalentes. Há estudos, inclusive, que situam a modalidade gestual-

visual como anterior ao estabelecimento da comunicação oral, nos primórdios do período paleolítico.

As pessoas que nascem surdas têm na comunicação seu maior problema de integração social. Embora em geral não tenhamos consciência desse fato linguístico complexo, o *input* sonoro contínuo e codificado que alimenta os ouvidos de cada recém-nascido preenche aos poucos os mecanismos cerebrais inatos que perfazem o entendimento da fala, e transmitem a herança da linguagem oral — no nosso caso, — o português do Brasil.

*

Como é o seu uso de Libras com seus filhos em casa? Todos os pais de surdos aprendem Libras?

**

Para mim, o aprendizado da língua de sinais foi fundamental para a integração com meus filhos surdos -- embora eu seja um "gringo" cheio de sotaques quando falo em Libras.

Nem todos os pais de surdos aprendem Libras ou se conscientizam da problemática linguística e comunicativa envolvida na surdez. Mesmo hoje não é incomum uma negação do universo cultural surdo e uma tentativa de transformar os filhos em "ouvintes sem ouvidos", como se isso fosse possível. Na verdade, as crianças surdas filhas de pais surdos em geral não enfrentam esse tipo de conflito.

Hoje, porém, o quadro é muito mais esclarecido e progressista. Creio que o aprendizado de Libras é extremamente enriquecedor para qualquer pessoa, e imprescindível para pais de crianças surdas.

Envio: Novembro/2016

Aceito para publicação: Novembro/2016